

**Rodrigo Barboza dos Santos**

## **O FILOSOFAR DENTRO DA SALA DE AULA: CAMINHOS E POSSIBILIDADES**

### **Introdução**

Quando se fala em Filosofia, algumas reações são imediatamente notadas. Alguns acreditam ser algo difícil e importante como aqueles identificador por Adorno (Vide ADORNO, 1995), enquanto outros atribuem a ela a árdua tarefa de ser a salvadora da educação no Brasil, conforme nos mostrou Severino na sua observação dos professores de Filosofia no Brasil (Vide SEVERINO, 2009). Outros, ainda, veem a Filosofia como uma importante contribuição na busca por respostas, “as mais garantidas possíveis, para questões com as quais os seres humanos se deparam em suas vidas” (LORIERI, 2002, p. 34). Outros, afirmam que a Filosofia é importante na produção de conceitos (Vide GALLO, 2012). Assim, nos colocamos a seguinte pergunta: o que, de fato, faz a Filosofia? Mais especificamente, o que faz a Filosofia dentro das salas de aula do Ensino Médio? Para investigar essa questão, recorreremos a Alejandro Cerletti, filósofo importante na atual discussão sobre o ensino de Filosofia.

O presente artigo está dividido em três partes. A primeira procura explicitar as ideias forjadas por Cerletti em relação à Filosofia, o filosofar e o ensinar Filosofia. A segunda parte busca mostrar uma aproximação das ideias de Cerletti com as ideias de Sílvio Gallo em relação a uma metodologia do ensino de Filosofia. Por fim, a terceira parte busca aproximar as ideias de Cerletti às experiências didáticas e filosóficas que ocorreram na Escola Estadual Doutor Alberto Cardoso de Mello Neto, bem como suas implicações no cotidiano da escola e na vida dos alunos.

Este artigo não tem a pretensão de estabelecer diretrizes aos professores de Filosofia, e sim auxiliá-los na elaboração de seus próprios caminhos filosóficos.

## I

De acordo com Cerletti, é necessário em primeiro lugar clarear os entendimentos a respeito do que é a Filosofia. Tal entendimento se configura um legítimo problema filosófico na medida em que é impossível conceber uma definição única sobre o que seria a Filosofia. A respeito disso, o autor (CERLETTI, 2009, p. 11 e 29) diz que:

Encontrar uma resposta unívoca para “que é filosofia?” não somente não é possível, mas cada uma das eventuais respostas poderia dar lugar a concepções diferentes da filosofia e do filosofar, o que influirá, por sua vez, sobre o sentido do ensinar ou transmitir filosofia. [...] não há uma maneira exclusiva de definir a filosofia [...], qualquer tentativa séria de abordá-la nos conduz inexoravelmente a ter que filosofar.

Cabe agora, com base nessa máxima de Cerletti, fazer o seguinte questionamento: como ensinar Filosofia de uma perspectiva genuinamente filosófica se há grande multiplicidade de definições do que seria esta Filosofia? O que é o filosofar? Na tentativa de resolução desse problema, Cerletti afirma que levará adiante a ideia de que “é possível construir uma ‘identidade’ filosófica reconhecível em qualquer expressão da filosofia” (CERLETTI, 2009, p. 13). Qual seria essa identidade, então?

Para responder essa pergunta, Cerletti faz um percurso que parte do professor como um legítimo pensador de sua prática. Assim, o autor apresenta a tese central do seu livro:

A docência em filosofia convoca os professores e as professoras como pensadores e pensadoras, mais do que como transmissores acríticos de um saber que supostamente dominam, ou como técnicos que aplicam estratégias didáticas ideadas por especialistas para ser empregadas por qualquer um, em qualquer lugar. (CERLETTI, 2009, p. 9).

Disso, podemos (e devemos) levantar alguns posicionamentos importantes: 1. Os professores de Filosofia são legítimos pensadores; 2. Um ensino no qual o professor transmite ideias de forma mecânica não é um ensino filosófico; 3. O ensino de Filosofia não se realiza de forma idêntica em todas as pessoas e em qualquer contexto.

Logo, não é absurdo afirmar que o ensino de Filosofia é um problema filosófico, pois não admite uma resposta única e fechada. Assim, ao ensinar Filosofia, o professor precisa tomar decisões filosóficas: o que entender por filosofia, como ensinar filosofia, o que ensinar em nome da filosofia, em qual contexto esse ensino ocorrerá e quais recursos serão utilizados nesse empreendimento. Novamente, somos remanejados à questão a respeito do que é Filosofia. Diz Cerletti a esse respeito que “a filosofia se caracteriza pela reinvenção constante da própria significação” (CERLETTI, 2009, p. 13). Portanto, se não há resposta unívoca e imutável, como reconhecer a Filosofia em suas diversas manifestações ao longo da história? Cerletti aponta uma resposta a essa questão: “O filosofar se apoia na inquietude de formular e formular-se perguntas e buscar respostas (o desejo de saber) [...] O perguntar filosófico é, então, o elemento constitutivo fundamental do filosofar e, portanto, do “ensinar filosofia” (CERLETTI, 2009, p. 20-21). Filosofia, pois, para este autor é o formular e formular-se perguntas e buscar respostas a elas.

Essas perguntas não são quaisquer perguntas. Mas de onde elas surgem? Será que essas perguntas – ou melhor, problemas – são formulados a partir do planejamento de quem pergunta? Ou será que o destino leva a pessoa a formular determinado problema? O problema somente será significativo se for sentido pela pessoa que irá pensa-lo. Cabe, então, configurar este problema na criação das perguntas que o abarquem e na busca das suas respostas, conceituar significados em função da realidade na qual surgem. Essa conceituação faz com que o sujeito intervenha e se situe no mundo de forma subjetiva partindo de bases o quanto possível, objetivas. Isso ocorre porque o filósofo é aquele que sentiu o problema, não lhe sendo algo estranho. “... o filósofo não inventa as suas questões ou seus problemas do nada” (idem, p. 25). Pois a “filosofia é filha de seu tempo” (idem, p. 25).

Se a Filosofia é tal como foi definida, então não é nenhum absurdo afirmar que todas as pessoas possam vir a ser filósofos.

Isso quererá dizer que, sob certas condições, *qualquer um* poderia vir a filosofar. Isso é, qualquer pessoa poderia fazer-se certo tipo de perguntas filosóficas e tentar, em alguma medida, responde-las. Obviamente, o grau de profundidade, de dedicação, de referência a outros problemas, de enquadre teórico, de erudição, etc., que tenha essa atividade será seguramente diferente da de um “especialista”. Mas não o faria menos filosófico (CERLETTI, 2009, p. 28, *itálicos e aspas do autor*).

Ao que parece, a caracterização da Filosofia formulada por Cerletti é válida, ao menos provisoriamente. Se pensarmos nos grandes filósofos, certamente iremos reconhecer em suas Filosofias esse movimento identificado por Cerletti. Descartes, por exemplo, vivia em um contexto marcado por várias mudanças de cunho científico e político. Sentindo essas mudanças, foi levado a questionar se existiria algo que jamais poderia mudar. Em outras palavras, se existia algo que resistisse às dúvidas que foram sentidas e formuladas. Esse era o problema de Descartes. E o filósofo sentiu esse problema de forma subjetiva, mas a partir de uma dimensão objetiva e contextual. Por ser algo que o movia, buscou respostas para esse seu problema. E, por fim, a resposta que encontrou estava em si: eu penso, eu existo.

Do que foi exposto até aqui, o leitor mais atento questionaria se já que o filosofar se caracteriza pela busca de respostas para perguntas formuladas a partir do contexto que nos move – dimensão subjetiva e objetiva – se é dispensável a leitura dos grandes pensadores da História da Filosofia. Cerletti responde negativamente.

Cerletti não concorda com um ensino de Filosofia construído somente na repetição contínua de ideias elaboradas pelos grandes filósofos. No entanto, não abre mão daquilo que já foi construído. Diz ele que há grande contribuição dos filósofos para que possamos pensar nos problemas de nosso tempo. Como deve ser, então, o ensino de Filosofia amparado por essa ideia?

Cerletti diz que sentimos um problema que se faz presente em nosso tempo. A busca pela resposta a esse problema deve ser amparada pelos filósofos da História da Filosofia, que já sentiram um problema semelhante ao nosso. Ao entender como determinado filósofo resolveu seu problema, podemos ressignificar sua resposta de acordo com nosso contexto. Cerletti chama esse movimento de repetição criativa.

De acordo com o que viemos sustentando, ensinaríamos filosofia no ato de filosofar e aprender-se-ia filosofia começando a filosofar. Portanto, em função da caracterização que fizemos da filosofia, a “repetição criativa” deveria ter lugar no ensino e na aprendizagem. Isto é, se os alunos começam a filosofar, eles começam também a levar adiante algum tipo de repetição criativa (CERLETTI, 2009, p. 36, aspas do autor).

Sintetizamos as ideias aqui contidas nos seguintes pontos:

1. Ensino de filosofia como problema essencialmente filosófico.
2. Ensino de Filosofia requer resposta sobre o que se entende por filosofia.
3. Necessidade de se levar em conta a realidade ou os contextos nos quais o ensino de Filosofia ocorre.
4. Ensino de Filosofia não pode ser entendido como simplesmente transmitir conhecimentos filosóficos.
5. Necessidade, no ensino de filosofia, de buscar provocar nos alunos a atitude de formular e formular-se perguntas e a de buscar respostas a elas.
6. Todos podem ser filósofos.
7. O ensino filosófico não conflita com a utilização dos textos da tradição filosófica.
8. A utilização dos textos da tradição filosófica não como mera constatação/repetição e sim como repetição criativa.

## II

Como pensar uma forma ou método de ensinar Filosofia no Ensino Médio que seja uma atividade de perguntação e de busca por respostas dentro de um esquema que contenha a repetição criativa? Essa questão pode ser pensada a partir de uma metodologia formulada por Sílvio Gallo, pesquisador e professor da UNICAMP.

Para Sílvio Gallo, a finalidade última de um ensino de Filosofia é levar os alunos à conceituação. Pensou isso a partir da leitura de Deleuze e Guattari: “filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 10). O que seria o conceito? Sílvio Gallo discorreu acerca disso:

Para dizer brevemente, o conceito é, pois, uma forma racional de equacionar um problema ou problemas, exprimindo uma visão coerente do vivido. Não é abstrato nem transcendente, mas imanente, uma vez que se baseia necessariamente em problemas experimentados. O conceito nunca é dado de antemão, mas é sempre criado. Sua etimologia está na própria noção de concepção: dar vida, trazer à luz.

Concebemos (fazemos) conceitos como concebemos (fazemos) filhos... (GALLO, 2012, p. 55).

Essa ideia de Filosofia coloca professores e alunos de forma ativa na criação conceitual. No entanto, como levar adiante essa ideia? Sílvia Gallo propõe que isso seja realizado em quatro momentos didáticos: sensibilização, problematização, investigação e conceituação.

Na etapa de sensibilização, o professor busca fazer com que o tema proposto afete os alunos. Se ele indicasse o problema, esse problema não seria sentido pelos alunos. Não seria possível conceituar de forma criativa. O professor pode colocar uma questão problema que afete os alunos. Por exemplo: um jovem tem relação incestuosa com a própria mãe. Nessa relação, fazem uso de preservativos. Também não há traição, pois ambos são solteiros – a mãe é viúva. Não haverá nenhuma implicação prática desse ato. E, no entanto, ambos saem satisfeitos e felizes dessa relação – felicidade esta que, de acordo com Aristóteles, seria o fim último da humanidade.

Feita a sensibilização, é necessário problematizar acerca do tema. Tal ação seria condenável? Esse problema levaria, inevitavelmente, à sua investigação. Neste momento, se faz necessário entender como esse problema foi pensado por outras pessoas ao longo da história da humanidade. E, especificamente, a História da Filosofia traz contribuições valiosas? Como Kant pensaria isso? E Aristóteles? E Agostinho? E Sade?

A partir do entendimento daquilo que foi produzido outrora, os alunos conseguiriam trazer esses entendimentos para a sua realidade. Finalmente, teriam conceituado.

Essa metodologia proposta por Gallo contempla a concepção de Cerletti da Filosofia como atividade de perguntação (problematização) e busca por respostas (investigação). Também contempla a repetição (investigação) criativa (conceituação).

Em teoria, essa ideia é muito bonita. Mas será que funcionaria na prática?

### III

Como pode ser analisada a situação escolar no Brasil nos tempos atuais? Tal educação passa por um momento complicado. São vários os motivos para isso ocorrer. Mas como isso aconteceu? Este é um questionamento que também foi pensado por Newton Ramos-de-Oliveira (1997, p. 13):

Onde foi que erramos? Há sempre um debate, conflito entre as gerações. Os tempos mudam, os grupos de pares das novas gerações se auto-influenciam na procura de afirmação. Há uma certa consciência clara de que “muitas coisas estão erradas” – e o jovem, descomprometido, denuncia e recusa. Assume novos valores, outras posturas. Por dentro, um burburinho de impulsos, tensões, conflitos, desencontros, idealismos, desencantos. Pulsões. É uma bela e angustiante fase.

Ao que parece, os jovens se encontram “perdidos”. Não no espaço físico, mas sim no espaço que deriva de sua estrutura cognitiva. E isso é acentuado na convivência escolar. Essa confusão em relação a escola pode ser pensada da seguinte maneira, conforme mostra Cerletti (2009, p. 69 – 70):

O fato de que os objetivos básicos de nossas escolas atuais não se tenham deslocado substancialmente dos objetivos clássicos da modernidade se faz explícito no vínculo essencial entre transmissão e aquisição de conhecimentos, e a promoção da liberdade do indivíduo. Portanto, expressa, ao mesmo tempo, as contradições da constituição social do liberalismo e as modalidades de sua reprodução. Em especial, atualiza permanentemente a tensão entre “educar” para exercer a soberania (forjar sujeitos livres) e exaltar a necessidade da obediência (promover indivíduos governáveis).

Essas dificuldades apontadas pelos autores mostram que a situação escolar no Brasil não é harmoniosa. Ao menos não de forma imediata. Nesse sentido, é possível fazer com que as aulas de Filosofia tenham aquelas características apontadas por Cerletti e Gallo? A

experiência obtida no triênio 2012 – 2013 – 2014 na Escola Estadual Doutor Alberto Cardoso de Mello Neto indicam que sim.

Buscamos, nas aulas de Filosofia, sempre respeitar o contexto, os conhecimentos e os problemas dos alunos. Estes, ao sentirem que podem participar do processo de ensino e aprendizagem, se interessam pelas aulas de Filosofia. Este interesse levou os alunos a buscar uma construção em Filosofia que transcendesse a sala de aula. Foi quando foi criado o Grupo de Pesquisa – Filosofia e Extensão. Esse grupo de pesquisa dá autonomia ao aluno para que ele escolha um tema, formule um problema e investigue respostas que solucionem, ao menos de forma provisório, o problema formulado. O resultado disso foi a elaboração de diversos textos dos mais variados temas. Alguns textos (que podem ser encaixados na Ética e na Filosofia Política) estão presentes na atual edição desta revista. Esses alunos apresentaram suas pesquisas em vários ambientes, contando com as ilustres presenças dos professores Antônio Joaquim Severino (2013), Marcos Lorieri (2013), Orlando Bruno Linhares (2014) e Ângela Zamora Cilento (2014).

Desta forma, foi possível aplicar na Escola Alberto Cardoso as concepções acerca da Filosofia formuladas por Alejandro Cerletti, bem como a metodologia proposta por Sívio Gallo. O resultado desta experiência do pensamento pode não ser a melhor de todas, mas certamente foi significativo para todos nós.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo buscou mostrar algumas aproximações nas concepções de Filosofia e Filosofar entre Cerletti e Gallo. Buscou também mostrar como embora existam diversas dificuldades imanentes a escola atual e ao ensino de Filosofia, é possível fazer este ensino de forma filosófica e significativa para professores e alunos. Tais apontamentos se configuram importantes encaminhamentos em relação ao ensino de Filosofia, que passou a figurar entre as disciplinas obrigatórias no Ensino Médio a partir de 2008. Outras questões poderiam ser amplamente discutidas, como os conteúdos que deveriam ser ensinados no Ensino Médio, a metodologia para se ensinar Filosofia no Ensino Superior, entre outros. No entanto, tais questões merecem ser tratadas com muito cuidado, o que inviabiliza que sejam discutidas

nesse local, o que não significa que não possam ser retomadas posteriormente em outra etapa complementar a essa pesquisa.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CERLETTI, Alejandro. O ensino de Filosofia como problema filosófico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHAUÍ, Marilena. Iniciação à Filosofia: ensino médio, volume único. São Paulo: Ática, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido (o manuscrito). São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire; Universidade Nove de Julho (UNINOVE); Ministério da Educação (MEC), 2013.

GALLO, Sílvio. Metodologia do ensino de Filosofia: uma didática para o ensino médio. Campinas: Papirus, 2012.

LORIERI, Marcos Antônio. Filosofia: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. Reflexões sobre a educação danificada. In: ZUIN, Antônio Álvaro Soares (org.). A educação danificada. Petrópolis: Vozes; São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

RODRIGO, Lúcia Maria. Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino de filosofia. Campinas: Autores Associados, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Desafios atuais do ensino de Filosofia. In: TRENTIN, Renê; GOTO, Roberto (orgs.). A filosofia e seu ensino : caminhos e sentidos. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

VELASCO, Patrícia Del Nero. Notas sobre o Ensino de Filosofia como Problema Filosófico. Revista Dialogia, n. 13, 2011, p. 27-34. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www4.uninove.br/ojs/index.php/dialogia/article/view/2748>. Último acesso em: 06/11/2014.